

Literatura

Em 59, saiu a 1.ª edição de «O Anjo Ancorado», de José Cardoso Pires, autor de uma obra que Mário Dionísio considera «das mais importantes da nossa actualidade e já impossível de omitir da História de toda a ficção portuguesa».

Nos 25 anos de «O Anjo Ancorado»

José Cardoso Pires: um escritor de pé no fio da navalha da escrita

Afonso Praça

N um dia de Outubro de 1984, pelo fim da manhã, apareceu em certa aldeia da costa um automóvel. Talvez ninguém tenha dado por ele, ou se deu, não lhe prestou particular atenção.

eram eles, os ocupantes do automóvel: um escritor, um jornalista e um repórter fotográfico. A tarefa dos dois últimos está explicada. A do primeiro: guiar o jornalista e o repórter fotográfico pelos locais onde, há quase trinta anos, se inspirou (a palavra pode não estar correcta mas já veremos isso) para levantar o suporte cénico que serviu à construção do seu romance «O Anjo Ancorado».

Foi uma visita guiada, se quiserem, em que o escritor, José Cardoso Pires, é chamado, a propósito dos locais, a falar do livro e da criação literária e, a propósito do livro, a falar dos anos 50. Iniciada na referida aldeia da costa, a conversa prosseguiu, depois, em outros locais e situações, e vai continuar, é impossível fechá-la, pondo-lhe ponto final, nesta breve prosa de jornal.

Escrito em 57-58, «O Anjo Ancorado» teve a sua primeira edição de 1959, com a chancela da Ulisseia (Coleção Atlântida). Saiu no ano passado a 7.ª edição (Edições «O Jornal») que José Cardoso Pires fez acompanhar de uma breve nota na qual acentua que «O Anjo Ancorado não é uma fábula social mas simplesmente uma fábula, no sentido em que se trata de uma narração de sucessos inventados para instruir ou divertir (Dic. Morais)», acrescentando: «O facto de se referenciar algumas das suas personagens com datas e situações de lugar definidas não significa qualquer preocupação documental. E, antes e unicamente, um recurso do descritivo, como o são certos apontamentos comuns aos contadores de histórias quando principiam o tempo em que os animais falavam...» E escreve ainda José Cardoso Pires, aludindo aos lugares e ao significado que lhes atribuiu n'«O Anjo Ancorado»: «Guardo e confirmo estas li-

nhas de 1958. Repenso-as agora, 1984, sobre o fundo esmaecido dos casebres de São Romão assinalados pela noite fora por um piscar de aviso, o farol de Peniche. Mas Peniche também não existia. Apesar de porto e vila de pesca era apenas um forte de prisioneiros políticos, uma luz misteriosa que pontuava a história de São Romão.»

«Uma pequena grande história»

Naquele dia de Outubro de 1984, fomos pois à procura de São Romão, na realidade S.



O'Neill, Cutileiro, Cardoso Pires e Abelaira No Largo da Misericórdia, em 1960, no tempo do «Almanaque»

Bernardino, a meio caminho entre a Lourinhã e Peniche. No itinerário, e além destes, mais alguns pontos de referência que não têm nada a ver directamente com a história de São Romão, mas podiam ter, e muito, pela situação geográfica e pela configuração do terreno: Porto das Barcas, Areia Branca, Consolação, Cabo do Carvoeiro. Estamos na costa estremeira, rica de excelentes e muito belas praias: praias aconchegadas entre rochas, praias de extensos areais paralelos e belas matas de pinheiros, praias abertas em pequenas baías e praias familiares de velhas tradições», para citar um roteiro turístico que, no entanto, não refere os campos ermos, os montes de areia batidos pelos ventos de todo o ano e onde as ervas e os pequenos arbustos cravam as unhas com fúria.

Adiante, e vamos à história. «O Anjo Ancorado — assinala Mário Dionísio no prefácio, «Uma pequena grande história», escrito em 1980 para a 6.ª edição e repetido agora, na edição de «O Jornal» — é uma história muito simples, em princípio linear, de um homem de quarenta anos, que no seu descapotável de alto preço e na companhia de uma rapariga com metade da idade dele, que viu «duas ou três vezes, não mais», vai fazer a sua pesca

submarina perto duma pobre povoação, de que nem sabe o nome, cujos habitantes tentam tirar algum proveito — tudo se passa numa tarde — da presença dos imprevisos visitantes.» No romance, a povoação é, como já se disse, São Romão. Logo nas primeiras páginas, lá vêm as primeiras referências — escritas num estilo seco, depurado, a denunciar a sábia administração das palavras que vamos encontrar até à última página. «Povoado, povoado, não seria muito justo chamar a meia dúzia de casas assim, perdidas por esquecimento no alto das falésias. Casas? Também



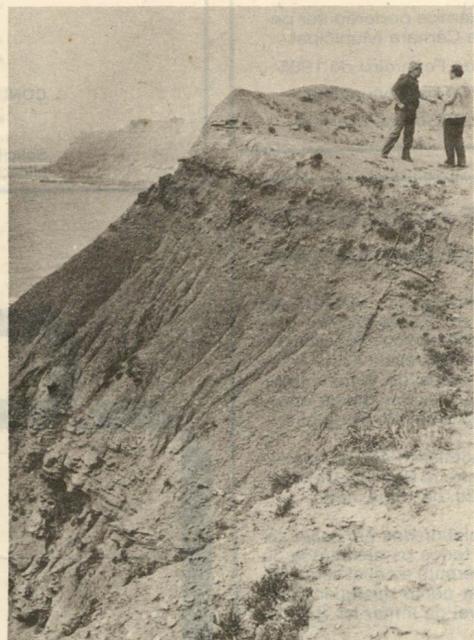
José Cardoso Pires e o jornalista Era «um verdadeiro deserto suspenso sobre o mar»

continuo, apaream-se os viajantes — o homem de quarenta anos, se tanto, e a companheira.» Estamos agora nesse descampado, mas São Romão/São Bernardino fica ainda longe. Por outras palavras, o campo ermo e a falésia que aparecem nas páginas de «O Anjo Ancorado» situam-se logo depois de Atalaia, a dois passos da Lourinhã. E, com efeito, «um verdadeiro deserto suspenso sobre o mar», hoje transformado por turismo, hoje transformado por turismo.

Foi ali, junto à balastrada que agora, em 1984, parou o carro. E no romance, onde parou? José Cardoso Pires olha atentamente em volta a medir o terreno, sobe a um morro a avaliar a falésia, recorda que desde 1957 passou por ali uma ou duas vezes, assinala as transformações que o turismo provocou.

«Onde parou o carro? Hoje, sei lá. Tinha a ideia de que isto era muito maior, muito maior. Pensava que havia aqui um pinhal, mas o pinhal é lá mais para a frente.»

Afinal, não era. Perguntando em redor, o escritor e o jornalista acabam por concluir que o pinhal de «O Anjo Ancorado» nunca existiu, nem ali nem mais para a frente. Por outras palavras, o pinhal foi inventado. Daí a pergunta: porquê o pinhal entre a falésia/descampado e São Romão que também não é ali, mas mais a norte, mais perto de Peniche, exactamente em São Bernardino?



José Cardoso Pires e o jornalista Era «um verdadeiro deserto suspenso sobre o mar»

«Essa do pinhal é boa. Mas é a grande vantagem do escritor: quando lhe faz falta uma coisa, inventa. E o pinhal fazia-me falta, como elemento para reforçar a solidão — de um lado, o abismo, do outro, o mundo do qual os personagens querem fugir. O pinhal é a fronteira de onde aparece o velho, símbolo do remorso.»

E a falésia, o descampado? «O descampado é este, a falésia é esta. Mas isto serviu-me apenas como imagem, como cenário de solidão artificial, como é a daqueles personagens. Gostei disto, gostei deste campo. Mas tudo isto foi apenas um suporte cénico, mais nada.»

Cenário, suporte cénico... levava-nos a pensar em teatro. Que relação, José Cardoso Pires? «Podia fazer-se deste livro uma peça de teatro. Até tem um palco...»

E o escritor volta ao pinhal, um ar de quem puxa pela memória, um jeito de ironia fina.

«Agora já nem sei se existia o pinhal. Se calhar, não existia...»

São Bernardino já não é São Romão Não existia, já se viu. Mas existia São Bernardino que o escritor transformou em São Romão, uma única rua, meia dúzia de casas («Casas? Também nem isso. Um punhado de gaiolas, quando muitos»), «perdidas por esquecimento no alto das falésias». Como era, na altura, São Bernardino?

«São Bernardino era uma pensão e um friso de casas que desciam para a praia. À porta das casas, mulheres de preto, com uma toalha branca sobre os joelhos, sentadas no chão e fazendo rendas de bilros. Lembro-me que havia um ranque de casas e lembro-me das mulheres sentadas a fazer renda, uma espécie de friso grego. À frente das casas, havia apenas um descampado. A tasca do livro, essa não existia, fui eu que a inventei.»

A pensão, acrescenta agora o repórter, chamava-se Pensão Marbelo e foi aí que o escritor começou a escrever «O Anjo Ancorado», em 1957, para continuar, depois, na Fonte da Telha e em Lisboa. Hoje, no local da pensão do sr. Pereira existia a Casa das Ancoras, um restaurante a condizer com os tempos que vão correndo, e do ranque das casas, uma espécie de friso grego, ali ao lado, resta apenas um montão de ruínas que os arbustos e as ervas daninhas não conseguem ainda esconder.

Desapareceram também as mulheres de preto sentadas à porta das casas, com uma toalha branca sobre os joelhos, mas ainda há quem faça rendas, devendo acrescentar-se, como exemplo, que uma renda de lençol, de dois metros de comprimento, pode ficar entre cinco e sete contos, para ser vendida, depois, por muito mais. Mas as rendas, ao que parece, também têm os dias contados. «As moças novas já não sabem fazer» — ouviu o repórter, em São Bernardino, a uma velha rendilheira que acrescentou ainda: «Se vivo disto? Não, também vou à pesca, ganho mais às navalheiras do que com as rendas, as rendas é só nas horas vagas.»

São Bernardino mudou, mas continua a ser uma pequena terra do litoral, agora modernizada, as vivendas incarecterísticas, luz eléctrica, telefone, televisão, estrada, tudo o que é símbolo da vida moderna, todos os bens da civilização que alguns habitantes de São Romão sonhavam, como caminho para o progresso. «Electricidade, electricidade. Julga que não

era um bem para todos? Montava-se um telefone, armavam-se mesas ao ar livre, o fim do mundo.» E o contrário, num dos jogos de oposições em que «O Anjo Ancorado» é fértil: «Ora adeus. Esses banhistas quando vêm para aqui é para estarem à vontade. Interessantes lá o telefone ou a electricidade ou todas essas coisas que eles têm em casa. Querem é sossego, entendes? Sossego e bons ares.»

Por sete e quinhentos não se pode transformar o mundo

«O livro é o livro da frustração da democracia falhada: primeiro com a guerra, a gente esperava que houvesse justiça e Salazar fosse para a rua; depois, a frustração do MUD, uma vez que estávamos convencidos de que se instalaria em Portugal uma democracia apoiada pelos ingleses, americanos e franceses, mas isso não se verificou, como se sabe.»

Diga-se, antes de prosseguir, que a ideia de liberdade (e de libertação) atrevesa todo o livro, é um ponto de referência indispensável para uma leitura correcta. «A acção desenrola-se (e o livro é escrito) depois de 45 e antes de Junho de 58», recorda Mário Dionísio no prefácio, numa alusão ao fim da guerra e às eleições presidenciais em que foi candidato da Oposição o general Humberto Delgado, duas datas que são marcos importantes da luta pela liberdade e da esperança na democracia. Mas «O Anjo Ancorado» refere também a repressão que caracterizou todo esse período, simbolizada no farol de Peniche: «Entre o dia e a noite, o farol de Peniche piscava tristemente.»

Continuamos no domínio da fábula. O farol de Peniche não é, naturalmente, símbolo de repressão. Mas em Peniche existia uma cadeia para presos políticos e a alusão ao farol, a piscar tristemente, remete, assim, para essa realidade que marcou o regime fascista.

Parêntesis para dar a palavra ao dr. Joaquim Magalhães, editor

A 1.ª edição de «O Anjo Ancorado» saiu em Outubro de 1959, incluída na coleção «Atlântida», da Ulisseia, dirigida pelo dr. Joaquim Aires Figueiredo Magalhães, um editor que apostou sempre na qualidade. Na «Atlântida», saíram livros de Castro Soromenho, Manuel Lopes, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, David Mourão-Ferreira, Faure da Rosa, Vergílio Ferreira, Graciliano Ramos, Camilo José Cela, Miguel Delibes, muitos outros. Para a Ulisseia trabalharam artistas como Vespêira, Querubim Lapa, António Garcia e Sebastião Rodrigues, e tradutores como José Blanc de Portugal, João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Selvagem, Maria La-



Cardoso Pires em «São Romão» O «friso de casas» de «O Anjo Ancorado» é, hoje, um monte de ruínas



Mulher a fazer renda, em S. Bernardino Uma actividade que (parece) também tem os dias contados

mas, Manuel Mendes, entre outros. Editor de qualidade, Joaquim Magalhães «pegou» logo no «Anjo Ancorado». É isso, dr. Magalhães?

«É. «O Anjo Ancorado» impressionou-me logo muito favoravelmente. Era uma obra já acabada, de um escritor que vai sempre lapidando a prosa.» Pergunta talvez desnecessária, mas inevitável: já cohecia José Cardoso Pires?

Já conhecia o Cardoso Pires e ele já era conhecido como escritor; tinha publicado «Os Caminheiros e Outros Contos» e «Histórias de Amor». Era um escritor que já dominava bem as palavras e, na altura, havia dois homens que o impressionavam muito, o Hemingway e o Roger Vailland. A sua devoção por este último levou-me inclusivamente a pedir-lhe que escrevesse o prefácio de «Cabra-Cega». Mas voltando ao «Anjo Ancorado», repito que logo me impressionou muito favoravelmente, pela boa arquitectura literária do livro e pela simplicidade dos meios numa óptima efabulação.»

Mas Joaquim Magalhães não era, por esse tempo, apenas a Ulisseia, o seu nome aparece ainda ligado à revista «Almanaque» (director: J. A. de Figueiredo Magalhães) de cuja redacção José Cardoso Pires fez parte, com Augusto Abelaira, Luís de Sítua Monteiro, Alexandre O'Neill, José Cutileiro, Castro Soromenho e, depois, Bastos e Vasco Pulido Valente, tendo orientação gráfica de João Abel Manta e Sebastião Rodrigues.

Sempre a preocupação da qualidade, não é, dr. Magalhães?

«Sempre. Mas o «Almanaque» surgiu depois, foi só em 1960. Antes, em 59, estive para lançar «A Semana», mas a Censura travou a saída, ao ter conhecimento de um telegrama que enviei ao Cardoso Pires. O caso é este: para o primeiro número, teríamos três grandes entrevistas. O Cardoso Pires, que estava em Estocolmo, iria a Berlim entrevistar o Gomulka, o O'Neil entrevistaria o Tito, em Belgrado, e o Castro Soromenho, o Nasser. Mas um telegrama enviado ao Cardoso Pires foi detetado pela Pide onde fui chamado e me perguntaram porque era preciso entrevistar pessoas de fora, quando eu já havia tanta gente com interesse para dar entrevistas. Ouvi tudo e, depois, humildemente, perguntei ao inspector que me interrogava se ele não conseguiria arranjar uma entrevista com o dr. Salazar. Não gostaram da piada, aquela gente não tinha nenhum sentido de humor.»

No dia seguinte, o dr. Armando Larcher, director da Censura, informou-me que, por telefonema da Presidência do Conselho — note bem: por telefonema — «A Semana» tinha sido proibida. Ora uma vez que já tínhamos redacção e instalações, surgiu a ideia do «Almanaque».

Revista de grande qualidade literária e gráfica, o «Almanaque» publicou 18 números e acabou em 1962. Porquê, dr. Magalhães?

«A grande doença do «Almanaque» era esta: nunca saía a horas, não por culpa da redacção e dos colaboradores, mas por deficiência de execução gráfica da Casa Portuguesa. A redacção funcionava lindamente. O único que tinha horário era o Abelaira e cumpriria. Os outros não tinham, mas o que interessava era ter na mão os originais a tempo e horas e isso acontecia. Depois de entregarem os originais, tanto me dava que fossem para casa como que fossem para os copos. Aquilo era um clube literário, uma tertúlia.»

Ironicamente, as instalações do «Almanaque» foram depois ocupadas pela Censura. Como foi isso, dr. Magalhães?

«Bem, o «Almanaque» acabou e o proprietário do andar, a Sociedade Abel Pereira da Fonseca, ia alugá-lo à Censura. Ora nas instalações, havia pinturas murais de João Abel Manta, cerâmicas de Jorge Vieira, um dorso cimentado numa peanha fixa do escultor João Cutileiro, fotografias de Senna da Silva coladas nas paredes. Quando soube que o andar ia ser alugado à Censura, falei com os autores e mandei destruir tudo. A Censura não podia ficar com aquilo.»

Voltando à editora, e a propósito da Censura: muitos livros aprendidos. Na Pide, perguntavam: «Porque é que só edita escritores do revival? Eu respondia que actuava apenas como editor, tendo em conta o mérito literário dos escritos»

Quase provocação, a pensar não apenas no «Anjo», mas também nos outros livros de Cardoso Pires: o que é uma boa prosa?

«A boa prosa é aquela em que o leitor é levado a ser crítico e a meter as suas próprias experiências ao correr do texto. É dessa leitura a dois — autor/leitor — que as cargas mais importantes de um livro ressaltam. Do encontro das experiências do autor e do leitor é que resulta uma leitura completa do livro.»

Reportando-se a «O Anjo Ancorado», o repórter anota, por sua conta e risco, «boa prosa», o autor encolhe os ombros, recorda que escreveu três versões, e acrescenta: «Fui contendo, contando. Quis fazer como se tudo se passasse num palco. Foi isso...» Agora, voltando atrás: falou-se de frustração, mas também em «O Delim» há frustração, um jogo de contradições muito semelhante. Dá para comparar, Cardoso Pires?

«No «Delim», as personagens são frustradas porque sonham a permanência dum passado feudalista, rural. Aqui, no «Anjo Ancorado», são frustrados do presente e do futuro. Em ambos os romances, as mulheres são passivas. Mas o homem do «Anjo» é um frustrado do futuro, já nem acredita

res que apareciam e metia a rábula da minha formação católica nos colégios dos jesuítas de Santo Tirso e La Guardia. Mas é preciso dizer que o director da Censura, o dr. Larcher, «facilitava»: muitas vezes, quando vinha a apreensão, já a edição estava toda distribuída e muitos livros vendidos.»

«Procuro o fio da navalha da escrita»

Fechado o parêntesis, voltamos a «O Anjo Ancorado» e a José Cardoso Pires, para recordar que é um livro que aposta numa renovação da linguagem, mais concretamente, aposta numa «linguagem cidadã», a recusando a «linguagem rural neo-realista». O afastamento de José Cardoso em relação aos padrões estéticos do Neo-Realismo é, aliás, acentuado por Mário Dionísio. Assim:

«Ora foi nesta fase de viragem que Cardoso Pires surgiu na vida literária portuguesa. O cabo estava dobrado e a viagem, sem mudar de rumo, experimentava já novas artes de navegar.»

Diga-se ainda, e agora na presença do autor, que é uma escrita contida, por vezes áspera, de quem só quer gastar as palavras necessárias. Quer comentar estas observações, José Cardoso Pires?

«A escrita é a pique, frase curta, o menos retórica possível. O meu grande inspirador, na altura, seria um Sthendhal. Por esse tempo, comecei a fazer uma prosa mais substantiva do que faço hoje. Era uma resposta à tradição portuguesa de uma escrita adjectivada, carregada de imagens. Os meus primeiros livros têm uma linguagem seca, têm poucos adjectivos e são primários, provocadoramente primários. Prefiro pecar por dizer de menos do que pecar por dizer de mais. A escrever, procuro o fio da navalha da escrita, andar de pé no fio da navalha, sabendo que qualquer desvio corta. Prefiro contar de menos a cair no óbvio que é o maior inimigo do discurso.»

Quase provocação, a pensar não apenas no «Anjo», mas também nos outros livros de Cardoso Pires: o que é uma boa prosa?

«A boa prosa é aquela em que o leitor é levado a ser crítico e a meter as suas próprias experiências ao correr do texto. É dessa leitura a dois — autor/leitor — que as cargas mais importantes de um livro ressaltam. Do encontro das experiências do autor e do leitor é que resulta uma leitura completa do livro.»

Reportando-se a «O Anjo Ancorado», o repórter anota, por sua conta e risco, «boa prosa», o autor encolhe os ombros, recorda que escreveu três versões, e acrescenta: «Fui contendo, contando. Quis fazer como se tudo se passasse num palco. Foi isso...» Agora, voltando atrás: falou-se de frustração, mas também em «O Delim» há frustração, um jogo de contradições muito semelhante. Dá para comparar, Cardoso Pires?

«No «Delim», as personagens são frustradas porque sonham a permanência dum passado feudalista, rural. Aqui, no «Anjo Ancorado», são frustrados do presente e do futuro. Em ambos os romances, as mulheres são passivas. Mas o homem do «Anjo» é um frustrado do futuro, já nem acredita

res que apareciam e metia a rábula da minha formação católica nos colégios dos jesuítas de Santo Tirso e La Guardia. Mas é preciso dizer que o director da Censura, o dr. Larcher, «facilitava»: muitas vezes, quando vinha a apreensão, já a edição estava toda distribuída e muitos livros vendidos.»

«Procuro o fio da navalha da escrita»

Fechado o parêntesis, voltamos a «O Anjo Ancorado» e a José Cardoso Pires, para recordar que é um livro que aposta numa renovação da linguagem, mais concretamente, aposta numa «linguagem cidadã», a recusando a «linguagem rural neo-realista». O afastamento de José Cardoso em relação aos padrões estéticos do Neo-Realismo é, aliás, acentuado por Mário Dionísio. Assim:

«Ora foi nesta fase de viragem que Cardoso Pires surgiu na vida literária portuguesa. O cabo estava dobrado e a viagem, sem mudar de rumo, experimentava já novas artes de navegar.»

Diga-se ainda, e agora na presença do autor, que é uma escrita contida, por vezes áspera, de quem só quer gastar as palavras necessárias. Quer comentar estas observações, José Cardoso Pires?

«A escrita é a pique, frase curta, o menos retórica possível. O meu grande inspirador, na altura, seria um Sthendhal. Por esse tempo, comecei a fazer uma prosa mais substantiva do que faço hoje. Era uma resposta à tradição portuguesa de uma escrita adjectivada, carregada de imagens. Os meus primeiros livros têm uma linguagem seca, têm poucos adjectivos e são primários, provocadoramente primários. Prefiro pecar por dizer de menos do que pecar por dizer de mais. A escrever, procuro o fio da navalha da escrita, andar de pé no fio da navalha, sabendo que qualquer desvio corta. Prefiro contar de menos a cair no óbvio que é o maior inimigo do discurso.»

Quase provocação, a pensar não apenas no «Anjo», mas também nos outros livros de Cardoso Pires: o que é uma boa prosa?

«A boa prosa é aquela em que o leitor é levado a ser crítico e a meter as suas próprias experiências ao correr do texto. É dessa leitura a dois — autor/leitor — que as cargas mais importantes de um livro ressaltam. Do encontro das experiências do autor e do leitor é que resulta uma leitura completa do livro.»

Reportando-se a «O Anjo Ancorado», o repórter anota, por sua conta e risco, «boa prosa», o autor encolhe os ombros, recorda que escreveu três versões, e acrescenta: «Fui contendo, contando. Quis fazer como se tudo se passasse num palco. Foi isso...» Agora, voltando atrás: falou-se de frustração, mas também em «O Delim» há frustração, um jogo de contradições muito semelhante. Dá para comparar, Cardoso Pires?

«No «Delim», as personagens são frustradas porque sonham a permanência dum passado feudalista, rural. Aqui, no «Anjo Ancorado», são frustrados do presente e do futuro. Em ambos os romances, as mulheres são passivas. Mas o homem do «Anjo» é um frustrado do futuro, já nem acredita

res que apareciam e metia a rábula da minha formação católica nos colégios dos jesuítas de Santo Tirso e La Guardia. Mas é preciso dizer que o director da Censura, o dr. Larcher, «facilitava»: muitas vezes, quando vinha a apreensão, já a edição estava toda distribuída e muitos livros vendidos.»

«Procuro o fio da navalha da escrita»

Fechado o parêntesis, voltamos a «O Anjo Ancorado» e a José Cardoso Pires, para recordar que é um livro que aposta numa renovação da linguagem, mais concretamente, aposta numa «linguagem cidadã», a recusando a «linguagem rural neo-realista». O afastamento de José Cardoso em relação aos padrões estéticos do Neo-Realismo é, aliás, acentuado por Mário Dionísio. Assim:

«Ora foi nesta fase de viragem que Cardoso Pires surgiu na vida literária portuguesa. O cabo estava dobrado e a viagem, sem mudar de rumo, experimentava já novas artes de navegar.»

Advertisement for 'Grande Porto' featuring a large illustration of a building and text describing hotel amenities like 'HOTEL DE PRESTÍGIO INTERNACIONAL', 'COM 100 QUARTOS DUPLOS', and 'PREÇOS CONCORRENCIAIS'.